

# Trajetórias diversas: “histórias até agora”

Ivete Walty<sup>1</sup>

Recebido 17, maio. 2012 / Aprovado 28, jun. 2012

**Resumo:** Considerando com Doreen Massey (2009) que o espaço é entrecruzamento de trajetórias e de histórias, objetivo estudar processos e produtos culturais ligados à população que mora nas ruas das grandes cidades brasileiras, em cotejo com a quebequense. Com uma atenção especial para as revistas produzidas sobre e para esse segmento excluído – *Ocas*, em São Paulo e Rio de Janeiro, e *L’Itinéraire*, em Montreal – tomo o conceito de parceria como um operador de leitura desse tipo de texto, que, englobando diferentes agentes culturais, procura construir um espaço público, onde haveria troca e interação. Analiso, pois, o que considero uma enunciação compósita, sem perder de vista o lugar da construção das subjetividades.

**Palavras-chave:** espaço; processos e produtos culturais; construção de subjetividades

**Abstract:** Considering with Doreen Massey (2009) that the space is an intersection of trajectories and history, my objective with this paper is to study cultural processes and products linked to the homeless population from big cities in Brazil, collating them to the one from Québec. With special attention to the periodicals produced on and for this excluded group – *Ocas*, in São Paulo and Rio de Janeiro, and *L’Itinéraire* in Montreal -, I use the concept of partnership as a reading operator for this kind of text, which, comprehending different cultural agents, seeks to construct a public space, where there should be exchange and interaction. Thus, I analyze what I consider to be a *composite enunciation* bearing the place of subjectivity construction in mind.

**Keywords:** space; cultural processes and products; subjectivities construction

**Résumé:** En considérant, comme Doreen Massey (2009), que l’espace est l’entrecroisement de trajectoires et d’histoires, nous avons pour objet l’étude des processus et des produits culturels liés à la population qui habite dans les rues des grandes villes brésiliennes, en les comparant avec ceux du Québec. En consacrant une attention spéciale aux revues produites sur et pour ce segment exclu – *Ocas*, à São Paulo et à Rio de Janeiro, et

*L'Itinéraire* à Montréal –, nous prenons le concept de partenariat comme un opérateur de lecture de ce type de texte, lequel, en englobant des agents culturels différents, cherche à construire un espace public, où il y aurait échange et interaction. Nous analysons donc ce que nous considérons comme une énonciation composite, sans perdre de vue le lieu de la construction des subjectivités.

**Mots-clés:** espace; processus et produits culturels; construction de subjectivités

*Etat d'urgence:* un camp de réfugiés au centre-ville. Este é o título dado a um acontecimento/evento ocorrido em Montreal, no Quebec. Assim o definiram os organizadores:

Depuis 1998, l'État d'Urgence est un rendez-vous annuel avec et dans la rue orchestré par l'ATSA en collaboration avec plusieurs artistes et organismes privés et publics. Tel un camp de réfugiés humanitaire implanté en plein centre ville riche, son objectif de lieu de rencontre stimule la solidarité humaine et la création artistique socialement engagée. L'État d'Urgence c'est **50 000 \$ de vêtements chauds** dans la rue, **trois repas par jour** pour attabler 150 personnes **et une table de collation ouverte 24h**, un dortoir pour les nuits ainsi qu'**une programmation multidisciplinaire de haut calibre et gratuite pour tous** où les artistes viennent donner et créer dans un univers festif, qui suscite une expérience humaine inoubliable entre les solitudes sociales et entre plusieurs médiums culturels intégrés à la vie quotidienne du campement. La mise en scène réaliste prend corps sous deux chapiteaux chauffés ouverts à tous 24 hrs sur 24. À l'extérieur, des braseiros vous réchauffent pendant que l'action à l'intérieur des tentes vous est projetée sur un écran géant. L'État d'Urgence est un Manifestival, un lieu engagé et multidisciplinaire pour venir découvrir les artistes autrement, dans un climat de partage et de cohésion sociale, sans artifice mais avec un contact direct et chaleureux que vous ne retrouverez nulle part ailleurs! À vous de jouer!

Sob o título “Urgência”, a revista canadense *Parachute* dedicou uma seção a São Paulo, na qual “fait une synthèse d'une série de discussions survenues entre des artistes dont les pratiques interfèrent dans la vie publique”.

Em tais discussões debatia-se a realidade, o real e o lugar da arte na vida urbana. As expressões “vida pública” e “trabalho coletivo” marcam o artigo resultante dos debates, que, ao final, chama a atenção do leitor sobre a urgência de intervenções táticas:

Ce mouvement d'interventions tactiques dans différents médias est, au minimum, une façon de troubler les pouvoirs hégémoniques. Identifier et potentialiser les urgences pour qu'elles soient transformatrices, c'est là un défi. (2005, p. 122).

É interessante observar que as palavras «público» e «coletivo», naquele momento, circulam em alguns eventos culturais marcados pela relação dos artistas com a população excluída que mora pelas ruas das grandes cidades.

Nas grandes cidades brasileiras, por exemplo, pode-se notar um grande número de produtos culturais, resultantes de um tipo especial de parceria, que engloba artistas, intelectuais, cantores populares, escritores. Há algum tempo, Ana Botafogo, dançarina clássica, apresentou um espetáculo com Carlinhos de Jesus, um professor de dança popular, dando início a uma parceria duradoura. Muitos cineastas têm realizado filmes, tendo como tema artistas populares. É o caso do filme *A pessoa é para o que nasce*, de Roberto Belinder, no qual três irmãs cegas, cantoras de Feira da Paraíba, interpretam na ficção o papel que assumem na vida cotidiana.<sup>2</sup>

Em outra área, tem-se o caso da pesquisa sobre crianças que trabalham com o tráfico de drogas, desenvolvida pelo *rapper* MV Bill, o fotógrafo Celso Athaide e o antropólogo Luiz Eduardo Soares. Sobre esse tema, os dois primeiros produziram um vídeo, *Falcão, os meninos do tráfico*, e junto com o terceiro, escreveram o livro *Cabeça de porco*, título explicado na apresentação:

**Cabeça de porco** tem uma dupla origem; é uma espécie de estuário de duas fontes. Uma longa pesquisa realizada em diversos estados brasileiros por Celso Athaide e MV Bill, sobre os jovens na vida do crime e suas razões, sobre a dimensão humana desses jovens; e um conjunto de pesquisas e registros etnográficos, conduzidos por Luiz Eduardo Soares, nos últimos sete anos, sobre juventude, violência e polícia. Os dois afluentes se encontraram porque os valores e a interpretação dos problemas eram convergentes. E os três

autores decidiram completar suas respectivas tarefas com um conjunto de entrevistas qualitativas, as quais foram realizadas, em 2003, pelos professores Helio Raimundo Santos Silva e Miriam Guidani. (BILL et al. 2005, p. 13)

Por outro lado, Ferrez, um escritor oriundo da favela, organizou um livro intitulado *Literatura marginal: talentos da escrita periférica*, a fim de fazer circular “a voz que não tem voz”. Este projeto teve início com a revista *Caros amigos*, que publicou três números especiais com textos de pessoas marginalizadas pela sociedade. Escritores já conhecidos, como João Antônio e Plínio Marcos (hoje falecidos), dividem o espaço do livro com nomes como D. Laura, Gato Preto e Geraldo Brasileiro.

Os projetos que mobilizam pessoas de diferentes segmentos sociais são complexos porque, em geral, envolvem relações de poder próprias do mercado econômico e cultural. No caso do livro que acabo de mencionar, por exemplo, mais precisamente no que diz respeito à capa, o nome posto em destaque é o de Ferrez, o organizador.

É, pois, muito importante analisar o processo que dá origem a esse tipo de publicação, caracterizada por uma enunciação múltipla, misturando parceiros de diferentes níveis sociais, culturais e intelectuais.

Para isso, é interessante discutir em que medida tais processos incluem trajetórias e histórias múltiplas, no sentido considerado por Doreen Massey (2008), em seus estudos sobre espaço. Segundo a autora, o espaço é produto de interrelações, constituído de interações, de modo que ele se traduz em uma esfera de possibilidade da existência de multiplicidade e, por isso, está sempre em construção. Partindo de tais proposições, Massey associa esse conceito ao de política.<sup>3</sup> Não é sem razão que, recorrendo a Claude Lefort, ressalta o aspecto de negociação próprio do espaço público, no que se refere à constituição da unidade social.

Vale a pena, então, levar em consideração o conceito de espaço público na análise desse possível cruzamento de histórias e trajetórias no processo de parcerias como as relatadas anteriormente, buscando o interesse comum que leva pessoas de grupos sociais diversos a se agruparem para criar algo juntas. Um partido ou um movimento político, uma associação esportiva, uma missão religiosa, esses grupos produzem textos de natureza variada para fazer circular suas ideias e seus valores, o que não significa que estes sejam puros ou ideais.

No prefácio feito para a edição de 1990 de seu livro *L’espace public*, Habermas, com J. Keane, considera que

O núcleo institucional da sociedade civil é constituído por esses agrupamentos voluntários fora da esfera do Estado e da economia, que vão, para citar apenas alguns exemplos, das igrejas, das associações e dos círculos culturais, passando pelas mídias independentes, associações esportivas e de lazer, clubes de debate, fóruns e iniciativas cívicas, até organizações profissionais, partidos políticos, sindicatos e instituições alternativas. (1999, p. 26)

Habermas continua, afirmando que, para Keane, a função dessas associações é a de “manter e redefinir as fronteiras entre a sociedade civil e o Estado através de dois processos interdependentes e simultâneos: a extensão da igualdade social e da liberdade e a reestruturação e a democratização do Estado” (p. 27). Trata-se, então, de associações que contribuem para a formação de opinião.

Esse tipo de grupo seria já uma forma de parceria, mas, sem entrar no domínio da teoria sociológica, interessa-me, sobretudo, analisar o lugar dessas novas modalidades de parceria que surgem hoje, agrupando pessoas de diversos segmentos sociais cujos interesses não são, necessariamente, comuns como aqueles dos grupos políticos, religiosos ou esportivos, podendo, inclusive, ser de todas essas naturezas.

As revistas alternativas urbanas, como *Ocas* no Brasil e *L’Itinéraire* no Quebec – objeto deste trabalho –, representam um caso desse tipo de parceria. Associações diferentes se unem para sustentar publicações em papel jornal, feitas para serem vendidas por moradores de rua das grandes cidades, mirando um público também diversificado. Primeiramente, elas pertencem a uma rede mundial de jornais de rua (The International Network of Street Papers-INSP), uma organização global que, por meio dos jornais de rua, se apresenta como um endereço para aqueles que não têm domicílio fixo. Reunindo 80 membros de 34 países, com sede em Glasgow, Escócia, a organização oferece suporte e oportunidade de desenvolvimento a cada membro em seu esforço de reintegração dos sem-teto à sociedade. (cf. <http://www.street-papers.org/11.htm> – consulté le 13 juillet 2006). Com início em 1990, a INSP associa países desenvolvidos e em desenvolvi-

to, acreditando na troca de conhecimentos e de experiências tanto entre os grupos, como entre estes e os parceiros locais engajados no processo.

Pode-se, nesse caso, falar de uma enunciação compósita e de uma recepção também diferenciada. Quem fala? A quem fala? Como se configura a pessoa que fala? Como essas palavras se situam face à força das mídias eletrônicas ou diante dos mecanismos do mercado? Pode-se dizer que esse tipo de publicação faz parte do espaço público, sobretudo se o espaço público for considerado policêntrico, tendo, conseqüentemente, várias configurações?

Se for reconhecido, conforme explica Habermas, que “a exclusão das camadas inferiores, mobilizadas cultural e politicamente, provoca uma pluralização da esfera pública em sua fase de formação” (1999, p. 10), marcadamente burguesa, pode-se perguntar como se forma esse espaço hoje e que papel esse tipo de publicação desempenha nesse contexto.

Examinando alguns números da revista brasileira *Ocas*, pode-se exemplificar a diversidade de sua enunciação e de sua recepção. A própria organização da revista exhibe, através dos títulos de cada seção, a participação dos sem-teto ao lado de figuras conhecidas no mundo político, social e midiático. Os moradores de rua tomam a palavra, em geral, nas seções “Becos e vielas Z/S – a voz da periferia”, “Cabeça sem teto”, “Olhares do morro”, “Filosofia de esquina”, entre outras. Além disso, algumas vezes, eles são também o tema de reportagens sobre o país e o mundo, com notícias sobre a universidade pública, o transporte público, a saúde pública, a poluição, a devastação da floresta amazônica etc. Ao lado disso, em geral na seção “Cranianas”, pode-se ler a palavra de dirigentes políticos ou de intelectuais, como, por exemplo, o secretário da ONU, Koffi Aman, ou o sociólogo filipino Walden Bello; de artistas consagrados pela mídia, como Chico Buarque, Marcelo Yuka, Fernanda Young; ou daqueles que emergem das favelas, como os já citados MV Bill e Ferrez.

A diferença entre esse tipo de publicação e os outros jornais e revistas que circulam em nossa sociedade consiste, então, no papel desempenhado pelos habitantes de rua ao lado dos editores e de outros autores de artigos e reportagens. O espaço dado às palavras dos desassistidos não encontra correspondência em outros jornais e revistas.

Podemos tomar alguns exemplos da rede que se forma em cada número publicado. Na edição de fevereiro de 2003, na seção “Cabeça sem teto”, mais

especificamente em um espaço intitulado "Pausa para um bate-papo", os vendedores de *Ocas* contam suas experiências. Jason Prado Mendonça, especialista em mecânica, hidráulica e eletricidade, mas sem emprego, confessa que sua vida mudou depois de começar a vender *Ocas*. A propósito de sua tarefa de vendedor, ele diz:

É um trabalho lucrativo, para quem acredita é um trabalho ótimo, que tira as pessoas de situação difícil, transforma a vida das pessoas sem apoio, que não têm onde ficar. É difícil arrumar um emprego, porque quem vem de outro Estado chega na cidade grande e não tem um ponto de referência. E quem mora em casa de apoio ou albergue a sociedade discrimina, pisa em cima, vê como lixo. Mora em albergue, é ladrão, é lixo, não presta. A sociedade vê dessa forma, mas ela não vê o porquê de a pessoa estar ali. (p. 10).

Depois disso, Jason fala também do público que compra a revista, insistindo sobre sua variedade. Ele enumera os valores que a sociedade exige para aceitar uma pessoa:

Depois que comecei a vender a revista houve uma mudança muito grande porque essas pessoas já vêem você andando com a aparência diferente, cabelinho cortado, o jeito de você conversar muda, porque adquire um conhecimento do público em geral. Você conversa com doutor, com advogado, com diretor de empresa, conversa com juiz, você conversa com pessoas que você nem imaginava antes. (p. 10).

Jason domina certas estratégias do mercado e pode, então, vender uma boa quantidade de revistas para se assegurar uma vida mais digna. Já Geraldo Gouveia de Moraes conta suas experiências como morador de rua, destacando a atração que esse tipo de vida exerce sobre ele, devido à liberdade que esse espaço pode oferecer. Ele afirma que, antes, sua vida, seja em casa de parentes, seja em abrigos, era como uma prisão: "Na rua a gente tem liberdade, pode fazer o que quer, não esquenta a cabeça com a hora." No mais, ele ressaltava também o contato com o público como um aspecto positivo.

Em relação a esse público, a leitura da seção “Cartas” mostra que as pessoas que compram a revista são, em geral, ligadas a outras organizações sociais que trabalham com os excluídos: professores, sobretudo os do meio universitário, artistas, cantores e jornalistas. Alguns moram fora do país e, por isso, conhecem outras revistas da rede internacional, como *The Big Issue*, em New York, ou a portuguesa *Cais*.

A comunicação entre leitores e produtores se reforça quando alguém envia à revista textos escritos por outros excluídos. É o caso do poema enviado pelo leitor João Belo e escrito por crianças abandonadas que, hoje, estão em uma Fundação na cidade de Mandirituba, no Paraná.

Nós também queremos viver  
Para vocês vida bela, para nós favela  
Para vocês carro do ano, para nós resto de pano  
Para vocês luxo, para nós lixo  
Para vocês escola, para nós pedir esmola  
Para vocês ir à lua, para nós morar na rua  
Para vocês Coca cola, para nós cheirar cola  
Para vocês avião, para nós camburão  
Para vocês academia, para nós delegacia  
Para vocês piscina, para nós chacina  
[...] nº. 7, fev. 2003, p. 28)

Por outro lado, encontra-se também, entre as cartas dos leitores, um pedido aos editores para que a quantidade de reportagens sobre os excluídos e seu mundo seja reduzida, de modo que o autor argumenta o seguinte:

Uma coisa que me incomoda muito na produção cultural brasileira é o fato de que a miséria seja nosso principal produto de exportação. Ela é sempre explorada ao máximo pelo cinema, pela música e pelo teatro, o que, em lugar de ajudar a encontrar uma solução para este problema, não faz mais que banalizá-lo. [...] Eu penso que seria mais interessante mostrar que estas são pessoas que pensam, que emitem suas próprias opiniões, que têm seus próprios sonhos. (maio 2004).

O mesmo leitor critica uma carta publicada em um número anterior da revista, que tinha proposto como solução para os problemas sociais de São Paulo o retorno dos imigrantes à sua cidade de origem. O leitor afirma: "Pensar em enviar os pobres a seus lugares de origem é uma solução simplista e enganosa. E os imigrantes que não são pobres, nós vamos expulsá-los também?" (*Ocas*, n. 21, maio de 2004, p. 28).

Percebe-se que, nesse tipo de publicação, têm-se várias vozes em um debate no qual as diferenças aparecem mais nitidamente, se comparadas, por exemplo, com revistas como *Isto é* ou *Veja*, grandes semanários brasileiros dirigidos à classe média em geral. Em contrapartida, pode-se confirmar que, apesar de sua diversidade, o público que lê *Ocas* é um público sensibilizado pelas questões sociais. Na realidade, a maior parte da sociedade brasileira não conhece esta publicação e não se interessa pelos assuntos que justificam sua existência. De qualquer maneira, a publicação existe assim como o espaço que ela representa: a rua, um lugar público, onde os locais se cruzam, as pessoas se encontram. Conforme mencionado, a revista provém de uma parceria entre empresas privadas, alguns órgãos públicos e religiosos, organizações civis independentes e os moradores de rua. Dessa parceria resulta, pois, uma enunciação múltipla, de diferentes origens, uma enunciação compósita, cujo denominador comum seria justamente a palavra dos excluídos ao lado daquela dos cidadãos integrados na vida urbana.

Outros anéis dessa rede podem ser observados, por exemplo, quando se leem notícias brasileiras publicadas por *Ocas* na revista *L'Itinéraire*, em Montréal.<sup>4</sup> Na primeira página do número de 15 de fevereiro de 2006, por exemplo, encontra-se um artigo escrito por uma jornalista brasileira que faz um estágio na redação da publicação quebequense. Nesse artigo, intitulado "Ocas, entre journal et samba", Mariana Zafalon declara que "a cidade mais rica da América do Sul, São Paulo, conta com 11.000 moradores de rua e perto de 2.000 crianças vivem nas ruas e escreve:

Étant donné que le gouvernement brésilien ne s'implique pas pour améliorer la situation, les efforts individuels et les groupes communautaires sont indispensables. En juillet 2002, une alternative à la mendicité a gagné les rues de ces deux grandes villes du Brésil: le journal de rue Ocas. Ocas, du nom de l'organisme que l'a créé, soit l'Organisation civile d'action sociale,

rappelle aussi le nom des cabanes qu’habitaient les autochtones du Brésil avant la colonisation portugaise. (p. 3).

O nome da publicação sobre a qual escreve Mariana Zafalon, *Ocas*, fazendo referência à problemática dos índios, insere-se ainda em outra cadeia de significantes/significados, a da história do país em sua relação com a construção da desigualdade social. Por outro lado, o título do artigo retoma um estereótipo da grande imprensa, utilizando o motivo do samba apenas para atrair a atenção do leitor estrangeiro, já que o assunto não aparece no corpo da reportagem.

Por outro lado, nesse mesmo artigo, Mariana Zafalon mostra que, a despeito da falta de infra-estrutura da revista, “[...] em dezembro de 2005, *Ocas* recebeu o prêmio João Canuto, da ONG Rede Social de Justiça e Direitos Humanos e, em janeiro de 2006, o da Associação Cultural da Arquidiocese do Rio de Janeiro, na categoria Ação Social”. (*L’itinéraire*, n. 04, 15 fév. 2006, p. 3 – tradução livre).

No número de outubro de 2005, a revista já havia publicado uma reportagem sobre o massacre dos habitantes de rua no Brasil, chamando nossa atenção para a campanha feita pela revista *Ocas*: “Meurtres crapuleux de sans-abri brésiliens. Campagne mondiale pour forcer une enquête indépendante”. O texto, escrito pelos colaboradores da *Big Issue* Scotland, diz:

En juillet 2004, 13 des compagnons d’infortune de Benedito Souza, sans-abri à São Paulo, ont été sauvagement assassinés. Parmi eux, l’un s’est écroulé subitement après avoir bu de l’alcool contenant du poison à rat; un autre a vu son pied voler en éclats sous l’impact d’une bombe artisanale lancée sur lui. Benedito a survécu, mais n’a pas été épargné. On lui a fracassé le crâne. En plus de subir les avaries de la vie dans la rue, la menace de violence gratuite plane constamment sur les 10000 sans-abri de la ville brésilienne. [...] (p. 27).

O texto evoca outros elos da rede mundial: de um lado, o jornal de rua de São Paulo, *Ocas*, por sua vez situado na rede internacional (INSP) e, de outro, os leitores, que são convocados a apoiar “[...] la campagne contre la violence faite aux sans abri en accédant au site [www.street-papers.org](http://www.street-papers.org).”

Nous prions toutes les personnes sensibles à la cause des sans-abri d’écrire au ministre de la justice du Brésil. Nous ne permettrons pas que ces vies volées tombent dans l’oubli.

É interessante observar que a seção da revista na qual circula essa reportagem se intitula “Globe-trottoir; nouvelles internationales provenant des journaux de rue”. O título é formado a partir da junção do termo “globe trotteur/euse”, em geral utilizado para fazer referência às pessoas que viajam pelo mundo, com o termo “trottoir”, utilizado em seu sentido semântico de margem e marginalidade.

Depois de descrever o que seria uma rede que une excluídos de diferentes países, com a participação de diferentes segmentos sociais, o que apontaria para um espaço público transnacional –, algumas perguntas ainda se impõem: como se constituem as subjetividades nesse processo a que chamamos enunciação compósita? Que papel tem a escrita na constituição dos sujeitos aí envolvidos, sobretudo aqueles que, em geral, não têm oportunidade de “falar” em público?

Para respondê-las, recorro novamente a Doreen Massey (2008), uma vez que, buscando dirimir dicotomias entre tempo e espaço, entre local e global, entre fechamento e abertura, afirma que tanto as teorias tradicionais que romantizam o lugar com limites, quanto as desconstrutoras que louvam a abertura do fluxo livre, acabam por negar a circulação de histórias e, mais do que isso, por anular subjetividades das minorias. A autora, então, ressalta o aspecto relacional da subjetividade, o que, na verdade, está na base da linguagem.

Nesse sentido, vale lembrar uma regra linguística básica referente à constituição do sujeito na linguagem: no processo enunciativo, o eu se constrói como sujeito face ao tu (BENVENISTE, 1995). Por isso mesmo, “[...] os pronomes pessoais são o primeiro ponto de apoio para essa revelação da subjetividade na linguagem” (BENVENISTE, 1995, p. 289). O autor considera que os dois únicos pronomes de todas as línguas são o eu e o tu. O ele seria uma “não-pessoa”, situando-se no nível do objeto (BENVENISTE, 1995, p. 283). Essa concepção linguística nos permite ler o jogo social, que costuma ser jogado no silenciamento do tu quando ele é dado como diferente. Por isso mesmo, o tu se faz ele, não-pronome, coisa de que se fala.

Preto, então, observar como a escrita, constituindo-se como uma ancoragem do sujeito, especialmente daquele em situação de rua, expõe sua situação

de risco, englobando suas potencialidades e suas perdas. Para isso, parto do princípio segundo o qual o corpo do texto acolhe o corpo do sem teto e o corpo da cidade, buscando acompanhar o movimento de passagem do “ele” ao “eu”, isto é, aquele que costumamos ver como coisa passa a se inserir no processo enunciativo, intercambiando o papel de sujeito com o outro que o escuta/lê.

A seção “Mots de camelots” da revista quebequense nos fornece um bom *corpus* para análise desse processo. Cylvie Gingras é uma camelô, uma cronista de rua, uma jornalista da revista *L’Itinéraire*. Aí ela conta, recorrentemente, suas histórias e se afirma como sujeito consciente através da escrita:

Écrire est UN moyen de réinventer le possible et surtout, d’y croire. [...] Lorsque j’écris, je suis à la recherche du sens ultime de la vie, de MA vie parce que j’écris comme je me sens, comme je ressens cette vie qui coule entre mes **DOIGTS**. (*L’Itinéraire*, n° 133, p. 28, septembre 2005).

Cylvie começa sua crônica, reproduzindo um diálogo em que alguém, ao telefone, elogia seus artigos, mas pergunta a ela porque não escreve “dans un vrai journal” (p. 29). Impaciente, Cylvie corrige o nome do jornal: “- Pas *L’Itinérant*, calvaire”! *L’I-ti-né-rai-reuuu! L’I-ti-né-rai-reuuu*.

Nessa pequena parte do diálogo, temos índices que revelam o lugar social dos interlocutores. Monique Proulx, autora do telefonema, fala de um lugar, mesmo que apenas simbólico, ditado pelo senso-comum, que desfavorece e contesta a legitimidade do jornal dado como alternativo, ligando o ato de escrever em jornais tradicionais à fama e à possibilidade de ter “une grosse pension”. Cylvie recusa ligar a escrita apenas à urgência e à necessidade, e, atribuindo-lhe o objetivo de “recherche du sens ultime de la vie” (p. 29), usa fortemente a primeira pessoa do singular: “de **MA** vie parce que **j**’écris comme **je me** sens, comme **je** ressens cette vie qui coule entre **mes** doigts” (grifo meu).

Observe-se que sua concepção de escrita é bastante idealizada, comportando um conceito ligado ao de literatura em determinados momentos históricos, como o romantismo. As imagens que usa para caracterizar o que considera um puro ato de criação são, nesse sentido, reveladoras: “jeu de tarots, boule de cristal”. O sentido de magia se cola ao texto. Por isso mesmo, ela considera que a internet vai retirar do ato de escrever o ato corporal: “l’abandon, la sensualité et l’ intuition”. E acrescenta: “ça devient l’éloge de l’impatience”.

De qualquer maneira, ao escrever e publicar, Cylvie se fortalece não só como sujeito linguístico, mas também como sujeito psíquico e social. Reitere-se o uso redundante do eu e seus correlatos:

Lorsque je **m'**asseois devant **mes** feuilles de papier, **mon** stylo devient un deuxième **moi**. Je **me** surprends **moi-même**: **j'** apprend beaucoup plus sur **moi** en écrivant que n'importe quel psy de tout acabit ne pourrait le faire. Du grattage de papier à l'écrit est un passage privilégié. (p. 29)

Observe-se o aspecto psicanalítico da escrita na medida em que se dá um exercício de escuta, mesmo que de si para si mesma, em um desdobramento em que o eu se faz tu e vice-versa. Mais do que isso, no entanto, é ao ser lida por outros que ela se constrói como sujeito social, como cidadã, rasurando, de alguma forma, a sociedade como rasura o papel. Alguém a lê, alguém a ouve, mesmo que com restrições e muitas interrogações.

É preciso, no entanto, mostrar outro lado desses corpos escritos. E é o discurso da própria Cylvie, em um texto "Parcelles d'évasion", do número 07 de *L'itinéraire* (juillet 2005), que aponta para o que seria o avesso do processo antes descrito. Agora, o espaço contestado faz-se contestador, mesmo que este se instale depois que a cronista tenha se reinserido na vida social. Cylvie conta sua trajetória, "D'itinérante à folle du logis"<sup>5</sup> (n. 3, mars 2005, p. 21), apontando para as saídas buscadas e/ou encontradas, seja a fuga pelas drogas, seja a opção (?) pelo trabalho sazonal, que alterna com períodos de férias e descanso. Diz a cronista:

[...] contrairement à la plupart des gens qui travaillent à longueur d'année et prennent leurs vacances dans un temps défini, mes vacances à moi sont plutôt étalées et prennent la forme de parcelles d'évasion quotidienne. (p. 17).

Ao descrever seu cotidiano, Cylvie registra outro tempo, que se relaciona com esse outro espaço que ela ocupa na sociedade, fragmentado por um lado, e pleno, por outro:

Mon train de vie étant réduit, j'ai la chance d' habiter un quartier que je compare à une 'banlieue urbaine' entourée de verdure. Mes vacances sont donc planifiées selon le temps qu'il fait. Lorsque le temps est clément, je pars en ballade au Parc de l'Île de la Visitation, au bord des berges de la rivière des Praines.

[...] Pour me laisser aller à mes rêveries, je choisis toujours le même arbre. Je l'ai fait mien.

[...] Mon corps s' engourdit lentement au contact des rayons de soleil qui irradient ma peau. [...] les secondes, les minutes et les heures qui s'écoulent dans le sablier font que la notion du temps perd tout son sens... Mais je dois revenir au travail et écrire, écrire et encore écrire! (p. 17)

Observe-se a oposição ao tempo mensurável, acelerado, que marca a sociedade contemporânea, reforçada também na passagem abaixo:

J'ai travaillé pendant 21 ans dans les plus grandes banques et les plus grosses compagnies d'assurances. Ce n'est pas parce que ne gagne pas 50000 \$ par année que je suis pour autant inutile! Et le travail non rémunéré n'exclut en rien ma contribution à la société! Par exemple, je suis un exemple patent de la réduction des méfaits. De junkie dans la rue, je suis aujourd'hui stabilisée en logement, je fais de bénévolat et, parallèlement, j'ai trouvé dans l' écriture un hit quotidien qui a transformé ma façon de faire partie de la société. (p. 17)

Pode-se deduzir que a droga e o sonho acordado, assim como a escrita, são meios de evasão, mas, paradoxalmente, o registro desses meios rasura o tempo/ espaço hegemônico, agora ele próprio espaço contestado.

Não é sem razão que Cylvie, discutindo a questão de sua doença psiquiátrica, em artigo de abril de 2005, "Qui sont les fous?", ironiza a fala do médico:

Votre pilule jaune a des effets secondaires. Alors pour les diminuer vous devez prendre une pilule bleue qui, elle aussi, a des effets secondaires. Alors, je vous ai prescrit une verte pour diminuer ceux de la bleue. Alors les tremblements sont les effets secondaires de la verte! C' est normal.

E ela se pergunta, sentindo-se cair por terra frente à postura do médico: “N’y aurait-il pas un compromis entre le ciel et l’enfer? Moi, j’ aimerais ça faire un bout de purgatoire!”

A imagem do purgatório ilustra bem a ambiguidade questionadora do discurso da moradora de rua, aí incluindo a discussão dos limites entre os medicamentos, drogas legais e as ilegais, o que evidencia que não se trata de opor dois grupos em situação de inversão de lugares. Esta seria uma abordagem idealista ingênua, mesmo porque o próprio discurso da cronista é marcado pela ambiguidade entre o pertencer, ou não, ao sistema e seus enquadramentos.

Como vimos, a história de Cylvie, integrando a revista *L’Itinéraire*, dialoga com outras histórias, similares à sua, mas também com histórias outras, provenientes de outros tempos e lugares sociais.

Gostaria de citar ainda, outra história: a de uma manicure brasileira, Maria de Jesus, cuja obra intitulada *Divã de papel*, que, embora não circule nos jornais de rua, estabelece um diálogo indireto com o texto de Cylvie. Nesse texto ainda inédito, Zuza – é este o apelido da autora – denomina-se “testemunha estomacal”. Esse termo, bastante, forte, expressa o lado visceral da vida na rua e, consequentemente, da própria escrita. Esta, a despeito de se apresentar como ancoragem psíquica, passa pelas entranhas do corpo, pelas vísceras.

A fome, que, paradoxalmente, impulsionou sua vida, se expressa como uma cicatriz no texto, como se pode notar pelas imagens usadas para referir-se a ela – “estômago em orquestra”, “russo de fome” –, ou à falta de alimentos – “[as latas de mantimento] “seguiam junto com o vento de tão vazias”. Não se trata apenas de ver/viver para contar, mas de contar para viver, ancorando-se na escrita terapêutica. Comer ou não comer, registrar no estômago e na folha de papel o sulco da falta ou o fluxo da sobra.

A escrita de Zuza é, pois, paradoxalmente, ingestão de alimento e vômito. Escrevendo, ela revisa e recicla as sobras de que sempre se alimentou, expurgando o que foi forçada a engolir pelo caminho. Esse caminho incerto é minado pela fome, pelo espaço restrito, pelo transporte inseguro, pelas armadilhas amorosas, pela depressão, pelas doenças das filhas e, mais do que isso, pelas relações de poder assimétricas e injustas.

O texto de Zuza, como suas vivências ambíguas, constrói-se da fome e das sobras de que se alimenta. Nesse sentido, a enunciadora poderia ser vista como o

narrador sucateiro de que fala Jeanne Marie Gagnebin, quando associa o narrador do testemunho ao trapeiro, o *Lumpensammeler* ou o *chiffonnier* (figura de Baudelaire). Estende, então, o seu universo para o do “[...] catador de sucata e de lixo, esta personagem das grandes cidades modernas que recolhe os cacos, os restos, os detritos, movido pela pobreza, certamente, mas também pelo desejo de não deixar nada se perder, de não deixar nada esquecido.” (Gagnebin, 2001)

Esses cacos, inscrevendo-se na ordem social, podem ajudar a construir outro discurso histórico, já que, como o historiador descrito por Benjamin, o enunciador “[...] apanha tudo aquilo que é deixado de lado como algo que não tem significação, algo que parece não ter nem importância nem sentido, algo com que a história oficial não sabe o que fazer” (Gagnebin, 2001). Além disso, como bem assinala Gagnebin, esses elementos de sobras do discurso histórico são, antes de tudo, o sofrimento e o anonimato, o apagamento das marcas. Ora, no caso aqui descrito não se fala de campos de concentração ou de seus correlatos, mas de outro tipo de sofrimento que extermina grande segmento populacional no mundo todo, só que de forma miúda e constante. Esse texto também miúdo é feito de cacos de discursos ou, como diria a própria narradora, fruto da devolução dos engasgos que tem na garganta:

Tenho uma série de engasgos na garganta, mas não pretendo deixar passar batido, eu quero mesmo é clarear as diferenças que me engasgam, me sufocam e me entalam; quem me magoou sai da frente.

Nesse sentido, os textos de Cylvie e de Zuza são, eles próprios, cacos do discurso histórico, nós do passado, não “enterrados em criptas” como os do holocausto, descrito por Selligmann-Silva (2004) e outros, mas visíveis em cada habitante de rua das grandes cidades em um jogo de espelhamento, que mostra/oculta a ferida que sustenta a sociedade.

Esse diálogo caracteriza um novo processo de escrita, que, por sua vez, ilustra uma nova maneira de “estar juntos”, no sentido ressaltado por Martin Barbero (1999) e por Doreen Massey (2009), uma parceria que reúne pessoas de diferentes segmentos sociais de diferentes lugares geográficos e espaços simbólicos.

Sem mascarar as hierarquias e as assimetrias nas relações de poder, pode-se afirmar que os jornais de rua, juntamente com outras produções culturais alternativas, ilustram uma mobilidade e uma hibridação, ao exibir conscientemente as contradições sociais. Dessa maneira, podem contribuir para deslocar lugares fixos e valores hegemônicos, em um movimento de negociação, marcado tanto por reivindicações sociais, como por constituição de subjetividades.

Se forem retomadas algumas expressões presentes nos textos citados neste estudo, percebe-se uma outra rede: “um lugar engajado e multidisciplinar”, “um clima de partilha e de coesão”, “intervenções táticas”, “confluência de dois rios”, “os valores e a interpretação de problemas [...] convergentes”, “agrupamentos voluntários”, multiplicidade de trajetórias e de histórias. Mais do que produtos culturais, essas expressões caracterizam processos que contribuem com a emergência de um novo espaço público, no sentido utilizado por Dominique Wolton. Este autor, alargando o conceito de Habermas para aí incluir a sociedade de massa, afirma:

Trata-se de um espaço simbólico, no qual se opõem e se respondem os discursos, na sua maioria contraditórios, dos agentes políticos, sociais, religiosos, culturais, intelectuais que constituem uma sociedade. É, portanto, antes de mais nada, um espaço simbólico, que requer, para se formar tempo, vocabulário, valores comuns, e reconhecimento mútuo das legitimidades; uma visão suficientemente próxima das coisas para discutir, contrapor, deliberar. (2004, p. 511-512)

Sublinhando que ele “[...] simboliza, simplesmente, a realidade de uma democracia em ação, ou a expressão contraditória das informações, das opiniões, dos interesses e das ideologias”, o autor mostra que o espaço público “[...] constitui o laço político que liga milhões de cidadãos anônimos, dando-lhes a sensação de participar efetivamente na política”. (Wolton, 2004, p. 512)

Enunciação compósita, rede internacional, parceria, espaço público, todos esses conceitos assinalam o domínio do público, do coletivo e pertencem a uma nova ordem textual e social. É por isso que devemos encontrar novas ferramentas de trabalho, outros operadores de leitura e análise, como bem nos mostra Doreen Massey em sua busca de um conceito alternativo para espaço, que não deixe de lado seu viés político.

Venho, dessa maneira, examinando como esse tipo de publicação pode contribuir com a construção desse novo espaço simbólico, caracterizado pelos termos “coletivo”, “político” e social, por meio de uma parceria textual e social.

Nesse sentido, vale recorrer a Stuart Hall (2003), quando repelindo o que chama de “grandes contra-narrativas”, referentes a populações marginalizadas, propõe que o que interessa é “[...] a mudança no equilíbrio de poder nas relações da cultura”. E acrescenta: “[...] trata-se sempre de mudar as disposições e configurações do poder cultural e não se retirar dele.” (2003, p. 339).

Dialogando com aqueles que não acreditam na possibilidade de mudança, Hall propõe que o que lhe interessa são as estratégias culturais, “[...] aquelas capazes de efetuar diferenças e de deslocar as disposições do poder” (p. 339). Mesmo reconhecendo, como todos nós, que “[...] os espaços ‘conquistados’ para a diferença são poucos e dispersos, e cuidadosamente policiados e regulados”, e alertando para o risco da inversão dos polos da equação, Hall afirma, retomando Gramsci, que “[...] o único jogo que vale a pena jogar é o das ‘guerras de posição’ culturais” (p. 339).

Nesse sentido, há de se considerar que espaços contestados ou contestadores formam-se relacionalmente, em um jogo de negociações. O que importa é, justamente, delinear esses movimentos que impedem o congelamento e o aparente nivelamento de grupos de valores. Dessa forma, pode-se aproveitar a reflexão de Lyotard<sup>6</sup> quando, apontando para o fim das grandes narrativas em sua relação com a construção do saber, propõe o conceito de saberes narrativos, marcado pela pluralidade e pela descontinuidade. Retomando Lyotard, Eneida Maria de Souza afirma:

O saber narrativo dos pequenos relatos não irá, contudo, atuar como força legitimadora, distinguindo-se por um caminho avesso à demonstração e à especulação. Através do plurilinguismo irreduzível dos “jogos de linguagem”, insiste-se sobre a presença do aspecto local dos discursos, dos compromissos e na precariedade das legitimações. (Cf. Souza, 2004, p. 57)

Ousadamente, considero que o difícil lugar na construção do saber que o autor francês vê reservado aos países periféricos em sua relação com as sociedades pós-industriais desenvolvidas, poderia ser associado ao relato miúdo,

daqueles que ocupam as margens da cidade. Seria, justamente, no encontro dos pequenos relatos, retalhos discursivos –, seja esse encontro expressamente conflituoso ou não –, que se instalariam diferentes vozes, configurando, por meio de jogos de linguagem, uma multiplicidade de sujeitos linguísticos e sociais: “eus” e “tus” em interação, mesmo que sempre em risco, no jogo das “‘guerras de posição’ culturais”.

## Notas

- <sup>1</sup> Doutora em Literatura Comparada e Teoria Literária pela USP, com pós-doutorado na Universidade de Ottawa, Canadá. É professora do Programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas. Professora aposentada da Faculdade de Letras da UFMG, é pesquisadora nível 1 D do CNPq.
- <sup>2</sup> Acrescente-se a essas experiências, entre outras, o filme mais recente (2010), de Cacá Diegues, *Cinco vezes favela, agora por nós mesmos*, em que cinco episódios são dirigidos pelos próprios jovens que moram na favela.
- <sup>3</sup> Embora se valendo de uma postura diferente da de Massey, o geógrafo brasileiro Milton Santos também trabalhou o aspecto relacional do espaço, associando-o ao trânsito das relações de poder.
- <sup>4</sup> Em outros artigos, foram analisadas outras reportagens de *L'itinéraire* sobre os moradores de rua no Brasil.
- <sup>5</sup> Cylvie, sabendo-se bipolar e dependente de drogas, busca se reintegrar na sociedade, procurando ter seu apartamento longe dos ex-companheiros de droga.
- <sup>6</sup> Interessante lembrar que Lyotard escreveu esse texto a pedido do Conselho das Universidades junto ao governo do Québec: “[...] é a resposta dada por um europeu a franco-canadenses para enfrentar o impacto da modernização ocidental a partir do modelo nipo-americano. (cf. Santiago, Silvano. Posfácio à tradução brasileira de *A condição pós-moderna*, de Jean François Lyotard).

## Referências

- ATHAÍDE, Celso et al. *Cabeça de porco*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.
- BAMBOZZI, Lucas et ROSAS, Ricardo. Urgence. *Parachute: Art contemporânea*. n. 116 (São Paulo) – Montréal, janv. 2005.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral I*. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. Campinas: Fontes, 1995.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral II*. Trad. Eduardo Guimarães et al. Campinas: Fontes, 1989.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. “Memória, história, testemunho, consciência”, em BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia (Orgs.). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001. (Versão reduzida publicada na Internet).

HABERMAS, Jürgen. O “espaço público” 30 anos depois. In: *Cadernos de Filosofia e Ciências Humanas*, n.12, abril/1999.

LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. Trad. Ricardo Corrêa Barbosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

MARTIN BARBERO, Jesús. “Globalización y integración desde la perspectiva cultural.” In: VALCÁRCEL, Javier Lasarte (Coord.). *Territorios intelectuales: pensamiento y cultura en América Latina*. Caracas: Fondo Editorial La Nave Va, 2001, p. 35-50.

MASSEY, Doreen. *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*. Tradução Hilda Pareto Maciel. São Paulo: Bertrand Brasil, 2008.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: EDUSP, 2002.

SOUZA, Eneida Maria de. Saberes narrativos. In: *Scripta – Revista do Programa de Pós-graduação em Letras e do Centro de Estudos Luso-afro-brasileiros da PUC Minas*, n. 14, 1º semestre 2004.

WOLTON, Dominique. *Pensar a comunicação*. Tradução Zélia Adghirni. Brasília: Editora da UnB, 2004.